

## Tatuagem e laço social<sup>1</sup>

*Antônio Beneti*

A proposta desse artigo é trabalhar a questão da tatuagem, a partir do ensino de Lacan, considerando o enlaçamento entre o corpo, a pele e o olhar como tripé de sustentação das três dimensões: o real, o simbólico e o imaginário.

### **Considerações gerais**

A tatuagem convoca uma abordagem inicial multidisciplinar que vai além do discurso analítico. Paul Valéry, ao dizer que o mais profundo é a pele, a considera como um lenço humano sobre o qual se desenha e se pinta, através da tatuagem, a díade tatuado e tatuador, ou seja, o olhar e o ser olhado<sup>2</sup>. A tatuagem, tal qual a lata de sardinha de Lacan, vê e é vista, é olhada<sup>3</sup>. Um provérbio chinês nos diz: "Um corpo sem tatuar é um corpo estúpido". A palavra tatuagem procede da antiga língua do Taiti, onde essa prática se denominou *tatan*, ato de desenhar.

Ao longo da história, a tatuagem foi concebida como um ritual artístico complexo ou como uma mera decoração pagã. Dependendo do contexto, foi uma arte proibida, informativa, popular ou erótica. O legado de registros de distintas épocas por parte de historiadores, médicos, novelistas e expedicionários, assim como diferentes descobrimentos antropológicos indicam que a tatuagem esteve presente em culturas muito diversas e alheias em relação aos seus tempos e espaços, o que torna inegável o fato de ela adquirir um valor etnológico importante. Revela-nos um traço essencial do ser humano, a saber, a necessidade de

processar e significar suas vivências e experiências e de lhes dar alguma forma de expressão.

Os gregos e os romanos não consideravam a tatuagem uma prática respeitável e a usaram para marcar escravos e criminosos. A palavra latina para tatuagem era *stigma*, traduzida nos modernos dicionários como marca de haver caído em estado de desgraça e desaprovação. Quando Constantino declarou o cristianismo como religião oficial do Império romano, no ano 325 DC, decretou que só os condenados a pelejar como gladiadores ou a trabalhar em minas deveriam ser tatuados nas pernas ou nas mãos, porém não no rosto, dado que isso supunha manchar uma criação feita à imagem e semelhança da beleza divina. Em 787 DC, o papa Adriano I proibiu todo tipo de tatuagens e os papas seguintes mantiveram a mesma tradição.

Historicamente, a igreja a considerou um sinal de paganismo a ser erradicado ou uma manifestação dos poderes de Satanás. No entanto, muitas referências nos textos antigos indicam ter sido um costume comum, entre os primeiros cristãos, tatuarem uma cruz, o nome de Cristo, um peixe ou um cordeiro, como signo de identificação e pertinência religiosa.

Por outro lado, ainda quanto ao aspecto cultural, encontramos várias significações da tatuagem. Entre os árabes, principalmente nas mulheres, *dagg* ou *daqq* é um elemento ornamental ou terapêutico, cumprimento de um desejo de preservar o amor de um homem ou induzir uma gravidez. Entre os hebreus, no Antigo Testamento, há uma passagem na qual se proíbe a tatuagem ou as escarificações. Na verdade, o judaísmo não permite nenhum tipo de marca no corpo. Já na Polinésia, a prática da tatuagem é bem desenvolvida, signo de identidade pessoal. Na antiga Samoa, ser tatuador era um ofício herdado com posição privilegiada. A tatuagem no rapaz marcava uma transição para o adulto e era prova de virilidade e coragem.

Assim, há milênios encontramos a tatuagem presente em vários povos do Ocidente e do Oriente, em várias culturas, com várias funções e inúmeras significações sociais: sinal de realeza, devoção religiosa, marca de transição do jovem ao adulto, distintivo de clã ou tribo, meio de identificação pessoal, forma de demonstrar valor e virilidade, estímulo para a atração sexual, talismã para afastar os maus espíritos, parte necessária dos ritos funerários, diferenciação da mulher casada em relação à solteira, prova de amor, forma de marcar e identificar segregando escravos, marginais e convictos. Ela também pode ser usada com fins curativos ou preventivos. Os temas representados eram, em geral, eróticos, guerreiros, religiosos, alusivos a mitos ou lendas, plantas, animais ou cenas da vida cotidiana.

### **Marca endereçada ao olhar do Outro**

Severo Sarduy considera a ligação da literatura com a tatuagem em *Escrito sobre um corpo*<sup>4</sup>. Para ele, a tatuagem é um escrito sobre o corpo. Confere a ela uma dimensão equiparada à literatura e sustenta, inclusive, que ela deva ser concebida como uma operação de desenho dérmico, o que implica circunscrição, punção, dor e pigmentação. Claramente privilegia o campo escópico, o olhar, e o táctil. Para Sarduy, a literatura é a arte do pictórico. A autobiografia de Sarduy pode ser reconstruída a partir das inscrições em seu corpo em forma de cicatrizes e suturas, devidas a acidentes e enfermidades, constituindo uma verdadeira arqueologia da pele. Em *El Cristo de la rue Jacob*<sup>5</sup>, escrito autobiográfico, propõe que o corpo humano, para aceder ao sentido, tem que se transformar em texto móvel, na marca de uma inscrição e uma decifração. Dessa forma, a pele funciona como um espelho e superfície

refletora. Assim, em *Un testigo figaz y disfrazado*<sup>6</sup>, ele diz:

Sirva mi cuerpo cifrado  
De emblema o de silogismo  
De una heráldica en abismo  
La piel es un blazon vivo  
Se descifra en negativo  
Se lacera a si misma<sup>7</sup>.

A adolescência parece ser o período de maior incidência da prática da tatuagem, uma vez que ela funciona como coadjuvante à elaboração de uma ampla gama de conflitos próprios dessa idade, que ganham visibilidade quando colocados na superfície do corpo. Isso nos traz a questão de que o simbólico não seja suficientemente operatório nesse trabalho de elaboração e se recorra ao imaginário como um recurso utilizado ao se inscrever, no nível do real do corpo, sobre a pele.

Hoje em dia, a tatuagem se tornou um fenômeno social contemporâneo que se intensifica e prolifera. Cada vez menos raras, no entanto cada vez mais singulares, encontramos tatuagens esquisitas, inimagináveis, nesse mundo atual em que o imaginário joga um papel prevalente em relação ao simbólico. Atores e atrizes de todo tipo (cinema, teatro, televisão, pornô, etc.) apresentam corpos tatuados, provocando o olhar que se centra na tatuagem. Parecemos viver em uma época da "tatuagem generalizada", de "todos tatuados"; adolescentes e jovens, praieiros, acadêmicos ou baladeiros. É algo que nos chama a atenção e invade o campo da clínica.

Não é raro se ouvir frases como: "quando aparece alguém tatuado, olha-se a tatuagem. É como se o resto se apagasse." Trata-se então de um detalhe cuja visibilidade é maior que a do corpo como um todo. Um "divino detalhe" contemporâneo? Um ponto no qual se obtém um a-mais-de gozo com um semblante que enlaça o Outro? Um ponto-causa-de desejo em que o objeto olhar a um só tempo produz gozo e

convoca o olhar do Outro num jogo de esconde-esconde? Nesse jogo, algo se mostra e... resta escondido.

### **A tatuagem no ensino de Lacan**

Para comentar o tema das tatuagens na perspectiva da clínica psicanalítica, evoco, de início, a indicação de que há um sujeito do inconsciente na tatuagem, como Lacan aponta no texto "A agressividade em psicanálise":

[...] tem uma relação específica do homem com o seu próprio corpo que se manifesta igualmente na generalidade de uma série de práticas sociais - desde os ritos da tatuagem, da incisão, da circuncisão nas sociedades primitivas até no que poderia chamar-se o arbitrário procustiano da moda enquanto desmente nas sociedades avançadas esse respeito das formas naturais do corpo humano cuja ideia é tardia na cultura<sup>8</sup>.

Além desse comentário, Lacan considera as "virtudes da tatuagem", no *Seminário da angústia*<sup>9</sup>, ao tratar da mancha e da pinta que atraem o desejo. Nessa ocasião, ele comenta que o branco do olho do cego nos olha indicando o zero do *a*, objeto olhar que falta, que não é especular, nem apreensível na imagem. Também no *Seminário 11*, Lacan refere-se à função da mancha, quando trabalha a questão do objeto olhar, indicando que esta mostra e esconde<sup>10</sup>. Tal como a mancha, a tatuagem mostra e esconde ao mesmo tempo. Outra referência importante pode ser encontrada no texto "Proposta sobre a mutilação", de Jacques-Alain Miller, que será retomada mais adiante.

Antes, gostaria de passar por outra referência sobre o tema, de Silvia Reinfeld<sup>11</sup>, que faz uma leitura diferente daquela que um lacaniano faria dos fatos clínicos e da elaboração teórica de certas questões, pois trata-se de uma abordagem que se pode considerar como fenomenológica. Embora verse sobre a subjetividade, ela o faz sem considerar questões fundamentais para os lacanianos como

as do gozo e a do objeto olhar. Contudo, trata-se de um texto muito interessante no qual ela relaciona o tema com as tribos, a adolescência, as toxicomanias, ilustrando-o com casos clínicos, além de citar dois filmes importantes sobre o assunto: *O livro de cabeceira* e *Irezume, a mulher tatuada*. Neste último, uma mulher tatua seu corpo a partir da fala do amante que aponta seu desejo de que ela tivesse uma tatuagem. Neste caso, a tatuagem torna-se um fetiche que faz com que ela seja desejada pelo homem: parceiro-sintoma contemporâneo do lado masculino. "Divino detalhe" construído pela mulher para fetichizar, causando o desejo do homem que ama.

No seminário *O osso de uma análise*, Jacques-Alain Miller nos diz que, ao lado do parceiro-sintoma contemporâneo da mulher - a devastação -, temos como parceiro-sintoma do homem - o fetiche - um pequeno detalhe<sup>12</sup>.

Dessa maneira, para abordar a tatuagem - fenômeno de massa contemporâneo - e o laço social, é necessário pensar uma clínica que considere o sujeito, o objeto olhar e a pulsão. É preciso também, uma vez que a clínica psicanalítica é uma clínica do singular, do detalhe, enfocar a tatuagem articulada com o social, considerando-a na sua singularidade subjetiva, o que vai além do universal fenomênico contemporâneo.

Então, além da função que a tatuagem cumpre, temos que escutar a posição de cada um com relação à sua tatuagem, ao seu próprio corpo, assim como seu endereçamento ao olhar do Outro. Isso permite formular uma frase: há um sujeito do inconsciente na tatuagem, se tomamos o primeiro ensino de Lacan; há um *fallasser* na tatuagem, se tomamos seu segundo ensino.

Dependendo de cada caso clínico, a tatuagem cumpre funções diferentes e possibilita interrogar o que cada

sujeito quer com sua tatuagem. Certamente o Outro pode interrogar o sujeito da tatuagem com um *Che Vuoi?*

Alguns casos clínicos sugerem que a tatuagem pode funcionar como um autotratamento, no contexto de invenções singulares subjetivas, em determinadas situações, para certos sujeitos. Há uma relação singular do sujeito da tatuagem com o corpo, quando ela talvez ultrapasse o plano de um detalhe.

O livro de Silvia traz uma série de itens ligados ao tema: tatuagem e toxicomania, adolescência, erotismo, letra, escrita no corpo, moldura corporal, a pele, o grupo de tatuagens, o olhar. Enfim, são muitos tópicos e não vou me deter neles, mas menciono o que me causou no tema: a relação da tatuagem com o laço social. Para tal investigação, é necessário definir primeiro o que se entende por laço social em psicanálise.

O laço social não é uma relação imaginária intersubjetiva. Trata-se de uma questão colocada o tempo todo, no nosso cotidiano, como uma tendência supererogica: "tem que fazer laço!". Devemos conduzir um tratamento para que a pessoa "faça laço", na primeira, segunda, terceira e "n" idades. Às vezes isso faz com que ela fique tão enlaçada que a única possibilidade é a de desatar o "laço", que termina por ter efeitos não terapêuticos, via passagem ao ato, tanto por parte do enlaçado como do enlaçador.

Nos CAPS, locais cuja clínica é de manejo muito difícil e nos quais os trabalhadores de saúde mental se veem num "corpo a corpo" com o paciente, a resposta à tentativa de enlaçar o sujeito algumas vezes é positiva, em muitas, porém, é negativa. Recentemente, pude escutar o relato de um caso que implicava a clínica do AT (acompanhante terapêutico), que muito tem me interessado ultimamente. Esse relato abordava a promoção do laço em um sujeito psicótico que cometera o assassinato da mãe. Havia evidentemente um efeito terapêutico positivo, mas, no

cálculo clínico, caso a situação de enlaçamento imaginário se mantivesse ocorreria, por certo, uma tensão entre o paciente e o AT. O sujeito já dava sinais dessa tensão com uma erotização que poderia apontar para uma passagem ao ato mais à frente. Para um AT, ficar muitas horas, vários dias, com um psicótico não é algo sem consequência.

Nesse contexto, o que está sendo apontado como laço social ocorre em uma situação em que o Outro se desdobra em Outro da Lei e dos Significantes. E a relação com o terapeuta culmina por acontecer essencialmente no eixo imaginário, no esquema Z, através de uma relação intersubjetiva.

Diz-se, então, que o sujeito "fez laço social", mas, a meu ver, trata-se, na verdade, de uma relação que coloca o AT e o paciente "de mãos dadas" no social. Trata-se de uma parceria entre dois sujeitos, uma relação intersubjetiva em que o AT coloca sua subjetividade em jogo através de certos manejos e valores, ideais terapêuticos, em uma vertente imaginária do laço social.

Nessa relação, inscrita na ética das boas intenções terapêuticas centradas na política de inserção no laço social, algo se passa entre alguém na função de terapeuta e o paciente - a transferência -, que requer manejo. Caso isso não seja escutado e se trabalhe desconhecendo esse conceito, o sujeito aparecerá em ato, via passagem ao ato, para romper o laço. Do lado do terapeuta, ele pode achar que está "pesado", encaminha para outra "pessoa", podem ocorrer várias situações que acabam rompendo o laço.

A passagem ao ato, nesse contexto, surge para introduzir uma solução de ruptura do lado do enlaçador-enlaçado ou do lado do enlaçado-enlaçador. O que foi erroneamente chamado de laço social ficou "apertado" demais, sufocou os dois, como uma força. Mas, esse não é o laço social psicanalítico.



Essa é, portanto, uma primeira pontuação que faço, ao afirmar que devemos tratar a tatuagem em seu lugar, dentro do discurso analítico, como laço social. Um trabalho inscrito não somente na dimensão imaginária. O laço social inicialmente tomado como simbólico, na relação do sujeito com o Outro, é progressivamente abordado como discurso que envolve a relação do simbólico com o real, até que, no *Seminário RSI*<sup>13</sup>, a noção de "amarração", enlaçamento, entre os três registros toma vulto. É importante estabelecer essa diferença, pois a noção de laço social na dimensão do imaginário surge, inclusive, em instituições nas quais os analistas trabalham. Uma tal situação requer um manejo: tal qual o do toureiro que maneja o encontro com um "touro furioso". Touro representando, nesse contexto, a demanda do sujeito enlouquecido, desregrado ou tomado pelo gozo fálico ou do Outro.

#### **A noção de laço social em psicanálise**

Para pensarmos o que é o laço social em psicanálise, levando em conta o discurso de mestre contemporâneo e a tatuagem generalizada, temos duas vertentes lacanianas: a do discurso e a do *sinthoma*.

No primeiro ensino, no *Seminário da angústia*, Lacan ainda não havia elaborado a noção de discurso como laço social, diferente do discurso como fala, fala vazia. A partir de 1967<sup>14</sup>, no ensino de Lacan, discurso é a relação, o laço, entre o sujeito e o Outro da linguagem. Elaboração que implica o postulado do inconsciente estruturado como linguagem. O discurso, nesse nível, articula dois campos, o do sujeito e o do Outro; articula, mediante estas quatro letrinhas, o que Lacan denominou a sua álgebra:

## Discurso do Mestre

$$\frac{S_1}{a} \quad \rightarrow \quad \frac{S_2}{\S}$$

O discurso do Mestre é o discurso do inconsciente, discurso do Outro como Outro da linguagem. Os quatro discursos são *liens*, laços sociais entre o sujeito do inconsciente - não se trata de uma pessoa - e o Outro da linguagem, sendo que o laço social, nesse momento do ensino de Lacan, é simbólico, mas articulado ao real.

De 1953 a 1964, Lacan trabalhou a partir de uma clínica que ficou conhecida como clínica do simbólico. Foi o seu retorno a Freud. Nesse período, temos uma clínica eminentemente simbólica em que o sujeito do inconsciente é representado por um significante para outro significante. Lacan não tinha ainda a elaboração do objeto pequeno *a*, um resto enquanto mais-de-gozar. Trata-se de alguma coisa que falta, que ele vai nomear como sendo o objeto *a*, algo que ele introduz como resto da operação de castração simbólica do sujeito. Assim, o sujeito é dividido, castrado pela linguagem e representado por  $S_1$  para  $S_2$  pela estrutura do sintoma, o que falta é introduzido como resto da operação.

Nessa ocasião, Lacan formaliza as quatro letrinhas em quatro lugares distribuídos em dois campos: o campo do sujeito e o campo do Outro. Tem-se, portanto, uma vertente simbólica de um sujeito que se articula, via cadeia de significante, e que aparece na divisão. Essa operação, porém, deixa um resto não significantizado. Trata-se de um laço social que tem uma articulação entre o simbólico e o real, entre o sintoma e a fantasia. Dessa perspectiva, o laço social articula sintoma e fantasia envolvendo uma relação entre o sujeito e o Outro. No andar de baixo do discurso do mestre, encontramos o matema da fantasia:

## Discurso do Mestre

$$\begin{array}{ccc} & \Sigma & \\ \frac{S_1}{a} & \rightarrow & \frac{S_2}{\$} \\ & \diamond & \\ & Ph & \end{array}$$

Nesse discurso, o significante mestre está no comando e o saber aparece como saber-fazer do escravo, ou seja, uma palavra, um sonho, que comanda o sujeito em seu cotidiano, nos laços que ele faz. A esse respeito, cito um caso em que o sujeito era "fraquinho": na relação com a mulher posicionava-se como "fraquinho"; perdia concursos, porque era "fraquinho"; fazia sintoma e assim por diante. Estudou bastante para o vestibular, mas, na hora da prova, não passou, já que sua posição era de apanhar em todas as situações. Ele era o "fraquinho". Esse é o discurso do mestre. Se ele gira, temos o discurso histórico, ou seja, o laço social histórico em que o sujeito se endereça ao  $S_1$  mestre; um sujeito carente, o amante que dá aquilo que ele não tem que é o amor, para fazer do mestre o amante. Ele castra o mestre e o coloca a trabalho em uma relação amorosa.

## Discurso da Histórica

$$\begin{array}{ccc} \frac{\$}{a} & \rightarrow & \frac{S_1}{S_2} \\ & // & \end{array}$$

Se o giro continua, temos o discurso do analista. Neste discurso, o agente é o objeto pequeno  $a$ , como causa do desejo, e o paciente aparece como sujeito do inconsciente. Com um novo giro, surge o discurso universitário através do qual, a partir de um tema, constrói-se um conhecimento que se aplica sobre um determinado objeto, e o sujeito do inconsciente fica sob a barra no lugar da produção.

### Discurso do analista

$$\frac{a}{S_2} \quad // \quad \rightarrow \quad \frac{\$}{S_1}$$

### Discurso Universitário

$$\frac{S_2}{S_1} \quad // \quad \rightarrow \quad \frac{a}{\$}$$

A noção de laço social, portanto, como algo que articula simbólico e real, está presente no ensino de Lacan de 1967 a 1975. São os laços sociais com os quais operamos: o discurso do analista e os outros discursos. Observe-se que há lugar para todos os discursos na instituição psicanalítica, embora ela esteja centrada no discurso do analista, eixo que advém do fato de Lacan ter proposto que a pergunta "O que é um analista?" ocupe o centro de sua Escola.

Acompanhando o percurso que faz Lacan na elaboração do tema, a partir do *Seminário "RSI"*<sup>15</sup>, em consonância com o *Seminário: o sinthoma*<sup>16</sup>, temos um laço social cuja base é uma estrutura topológica borromeana. Assim, em última instância, pode-se falar em laço social no discurso e laço social no nó borromeano. Na clínica nomeada por Lacan como a clínica do *sinthoma*, a suplência sintomática subjetiva, reparação dos defeitos do nó borromeano, aparece como um significante articulado ao objeto pequeno  $a$ :  $S_1$ ,  $a$ . De tal maneira que o sujeito constrói um nome capaz de levá-lo à inscrição no campo do Outro. É pela via do nó borromeano que o sujeito se inscreve no campo do Outro. No caso de Joyce, ele se inscreve no campo do Outro da literatura e do discurso universitário com a sua obra.

A partir de tais considerações, é possível afirmar que, em psicanálise, o laço social é discurso e estrutura topológica borromeana, e não uma parceria egóica e imaginária entre o terapeuta e o "terapeutizado".

## **Tatuagem e laço social: segregação x *sinthoma***

Como poderíamos abordar a tatuagem articulada com o laço social? Diante do exposto, isto se daria no discurso ou no nó borromeano? Para se falar de tatuagem no discurso, podemos tomá-la a partir de duas letrinhas: o  $S_1$ , o traço identificatório, e o  $a$  como objeto. Não creio que possamos pensá-la a partir do  $S_2$ , pois teríamos que nos indagar se há um saber na tatuagem. Tampouco creio que ela possa ser indicada a partir do  $\$$ , já que o sujeito dividido é representado para outro significante.

A questão que me fez entrar nesse tema foi: como abordar a tatuagem em relação ao nó borromeano, ou seja, como uma tatuagem poderia constituir-se em uma solução *sinthomática*? Quando o sujeito se tatua com uma imagem, esta imagem escrita no real do corpo poderia produzir um efeito de estabilização, de inscrição no campo do Outro? É uma interrogação: como ela poderia aparecer com uma função de reparação dos defeitos do nó? Será que o sujeito psicótico, por exemplo, ao escrever uma letra no real do corpo, poderia, a partir disso, se estabilizar?

Como dissemos acima, os cristãos tatuavam uma cruz, o peixe ou o carneiro, figuras que, tatuadas no corpo, identificavam o sujeito como pertencente ao grupo dos cristãos. Já os romanos tatuavam os criminosos e os escravos e, nesse caso, a tatuagem identificava o sujeito como pertencente ao grupo dos escravos. Cesare Lombroso, na Itália, aborda a tatuagem entre os delinquentes, na cadeia, para definir o tipo de sujeito que está presente nesse lugar. Assim, verificamos que tais referências apontam sempre para a vertente identificatória, em cuja trilha encontramos grupos de tatuados para os quais o efeito de uso de uma tatuagem, por uma comunidade, abre a dimensão do "todos iguais", constituindo o matema da segregação.

S<sub>1</sub> S<sub>2</sub>

a

Este é o discurso do mestre em que um significante representa o sujeito do inconsciente para outro significante, o matema, porém, denota a exclusão do sujeito do inconsciente. Quando o sujeito entra em um grupo, como o dos diabéticos, dos alcoólatras anônimos ou o grupo dos anoréticos, ele tem um saber-fazer a partir do significante que o identifica para o grupo e que produz um mais de gozo, de tal maneira que, no matema da segregação, a dimensão do sujeito do inconsciente fica excluída. Nesse caso, há uma clínica em que a subjetividade está excluída, como no caso do cognitivismo, por exemplo.

Note-se que no grupo dos cristãos e no dos motoqueiros, a tatuagem funciona como uma marca na relação com o Outro, fazendo um laço social discursivo na dimensão do discurso do mestre. Contudo, na dimensão do objeto a, que objeto seria esse? A minha primeira conclusão, apoiada no ensino de Lacan, é que a tatuagem nos olha.

No *Seminário: a angústia*<sup>17</sup>, ele nos diz que essa relação do sujeito com a imagem do outro, com o especular, não tem resto. Na contemplação da própria imagem não há um resto, há um júbilo, é a dimensão da boa forma em que não há vazio. Lacan nos alerta sobre o engodo disso, pois se o resto não aparece não significa que não tenha um furo. Através da forma,  $i(a)$ , a minha imagem, minha presença no Outro, não tem resto. Não consigo ver o que perco ali. É este o sentido do estágio do espelho. A imagem, em sua forma  $i(a)$ , é o objeto característico do estágio do espelho. "Essa imagem é fechada, encerrada, gestáltica, ou seja, marcada pela predominância de uma boa forma, o que é a conta certa para nos pôr em guarda contra o que contém de armadilha essa função da Gestalt"<sup>18</sup>.

Note-se que o sujeito não vê, mas há falta, fato interessante de ser observado para pensarmos como a Gestalt terapia trabalha mais na vertente imaginária, excluindo a dimensão do real. Lacan menciona o ponto zero do *a*, os antolhos, que nós não vemos e cujo espectro denota que, quando olhamos o olho do cego, somos olhados pelo branco do seu olho. Lacan observa que aí está aquilo pelo que mais somos olhados, o que mostra como a angústia emerge na visão no lugar do desejo comandado por *a*<sup>19</sup>.

Para ver dilacerar-se o que há de ilusório nisso, basta introduzir uma mancha no campo visual, e então vemos ao que se liga realmente a ironia do desejo [...] Basta uma mancha para exercer a função da pinta. Os sinais e tecidos de beleza - vocês me permitirão continuar o trocadilho - mostram o lugar do *a*, aqui reduzido ao ponto zero cuja função evoquei da última vez. Mais que a forma que ele mancha, é o sinal que me olha. É por me olhar que ele me atrai tão paradoxalmente, às vezes com mais razão que o olhar de minha parceira, porque esse olhar me reflete e, por me refletir, não passa de meu reflexo, vapor imaginário<sup>20</sup>.

Observamos que, nessa ocasião, ele já estava trabalhando a questão do objeto olhar, tema que ele desenvolverá melhor no *Seminário 11*. Aqui, segundo ele, na visão, a angústia aponta o sujeito dividido diante do objeto causa do desejo. Note-se que, com Lacan, nesse momento, é possível associarmos a tatuagem à mancha e à pinta. A esse respeito, diz ele:

Essa é também a virtude da tatuagem. Não preciso recordar-lhes a admirável passagem de Lévi-Strauss em que ele nos evoca o desencadear do desejo dos colonos sedentos quando eles desembocam na zona do Paraná em que são esperados por mulheres inteiramente cobertas por uma cintilação de desenhos, que imbricam a mais ampla variedade de formas e cores<sup>21</sup>.

Sabemos que Lévi-Strauss esteve na USP e fez um grande trabalho de pesquisa no Brasil. A partir dessas

considerações, podemos notar que, no discurso, a tatuagem poderia ocupar o lugar de  $S_1$  e o lugar de objeto  $a$ . Mais adiante, Lacan observa:

Ora, lembrem-se do que eu lhes disse da mancha no nível do campo visual. Com a mancha, aparece ou se prepara a possibilidade de ressurgimento, no campo do desejo, do que há de oculto por trás dela, ou seja, no caso do olho cuja relação com esse campo deve ser necessariamente esvaziada para que o desejo possa permanecer nele com a possibilidade ubíqua ou nômade que lhe permite furtar-se à angústia<sup>22</sup>.

No *Seminário 11*, Lacan avança distinguindo a função do olho e do olhar e indicando que se o que está por trás da mancha é o olho, o que está por trás da mancha é o olhar.

Dito de outro modo, não deveremos, quanto a isto, distinguir a função do olho e a do olhar?

Este exemplo distintivo, escolhido por mim - por sua localidade, por seu factício, por seu caráter excepcional - é para nós apenas uma pequena manifestação de uma função a ser isolada - a função, digamos o termo, da mancha. Este exemplo é precioso para nos marcar a preexistência, ao visto, de um dado a ver. [...] Se a função da mancha é reconhecida em sua autonomia e identificada à do olhar, podemos procurar sua inclinação, seu fio, seu traço, por todos os estágios da constituição do mundo no campo escópico. Percebemos então que a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma de visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência<sup>23</sup>.

Verificamos assim que, nesse *Seminário*, Lacan faz equivaler à função da mancha a função do olhar. Ele ressalta o que há de precioso no exemplo: que na preexistência do visto, têm-se um dado a ver. Dessa maneira, quando olhamos para a tatuagem, se não vemos o resto, é a mancha que recai e nos concentramos ali sem conseguir tirar o olho dela porque somos capturados por ela.



Desse modo, Lacan aborda o olhar como objeto *a*, no caminho da mancha e do sinal, observando que a mancha tem o estatuto de tiquê, estatuto de objeto pequeno *a* que quebra o *automaton* do significante, tal como ele havia trabalhado anteriormente nesse mesmo *Seminário*<sup>24</sup>.

A partir dessas referências, é possível dizer que, nos *Seminários 10 e 11*, Lacan articula a tatuagem com a questão do objeto olhar. Levando em conta os discursos, poderíamos acrescentar que a tatuagem pode surgir de uma maneira universal como  $S_1$ , mas também como objeto *a*. Contudo, não é demais reafirmar que cada sujeito lida com essa questão no âmbito mais singular de seu caso.

Retrocedendo ao que indicamos no início deste artigo, Lacan, no texto "A agressividade em psicanálise", bastante influenciado ainda por Melanie Klein, um Lacan kleiniano, arriscamos dizer, associa a tatuagem ao corpo despedaçado e à prática social. Trata-se de uma abordagem da tatuagem inscrita no contexto dos laços sociais, ou seja, na relação do sujeito com o Outro. Nesse momento, Lacan menciona os ritos da tatuagem<sup>25</sup> como apontamos anteriormente.

No entanto, indago agora como a tatuagem poderia ser abordada a partir da questão do corpo despedaçado, se a leitura do estágio do espelho evidencia não haver resto, que falta a dimensão do real excluída da perspectiva narcísica e imaginária.

Seria interessante investigar, então, se a tatuagem surgiria como uma tentativa do sujeito de recompor uma imagem *una*, em determinados momentos, como nas situações das psicoses, em que o sujeito se encontra nessa tópica especular, ou, por exemplo, em situações como nas de histeria, em que os sujeitos podem também lançar mão da tatuagem para recompor algo da imagem endereçada ao olhar do Outro.

Por outro lado, a tatuagem, na amarração borromeana, com o fim de reparar o defeito do nó, ou seja, para

recuperar as propriedades borromeanas do nó, pode não apontar para uma estabilização definitiva, mas se apresentar como algo que produz um certo apaziguamento momentâneo permitindo ao sujeito avançar. Na clínica, podemos observar muitos casos em que isso não é suficiente, casos em que o sujeito faz uma tatuagem, depois outra, mais outra, e vai se tatuando sem alcançar uma estabilização, logrando, no entanto, atingir um apaziguamento.

Neste ponto, deixo vocês com o que Jacques-Alain Miller disse, em 1997, após sua abordagem do último ensino de Lacan. Trata-se de uma observação que me parece bastante pertinente com a relação que faço da tatuagem com o laço social. No texto "Proposta sobre a mutilação", ele nos fala da escrita sobre o corpo, não como mutilação, mas como uma carícia sobre a pele cuja função é socializante:

A mutilação ritual responde a uma exigência definida, codificada conforme a lei de um sistema biológico, social, religioso, em todo caso de um sistema institucional, assim como a incidência da realidade social, de seus símbolos, seus *semblantes*, sobre a realidade do corpo vivo, tanto sobre a matéria quanto sobre a forma.

Eu não vou lembrar os dados etnológicos que se encontram à disposição de todos. Isso diz respeito à função socializante, simbolizante, da marca escrita sobre o corpo e a pele que é a tatuagem - que é de algum modo uma simples, não mutilação, mas carícia sobre a pele, uma pintura - com marcas inscritas no corpo, na carne, nas escarificações, as cicatrizes rituais<sup>26</sup>.

*Estabelecimento de texto: Heloisa Caldas.*

---

<sup>1</sup> Esse artigo retoma o trabalho de elaboração e transmissão feito pelo autor em 2006, no âmbito de um seminário sobre o tema, em Belo Horizonte - Seção Minas da EBP.

<sup>2</sup> Cf. Noel Altamirano em "Prólogo" de REISFELD, S. (2005). *Tatuajes: una mirada psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, p. 9.

<sup>3</sup> LACAN, J. (1998[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 94.

<sup>4</sup> SARDUY, S. (1996[1979]). *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- 
- <sup>5</sup> Idem. ([1987]). *El Cristo de la rue Jacob*. Buenos Aires: Ediciones del Mall.
- <sup>6</sup> Idem. (1993[1985]). *Un testigo figaz y disfrazado*. Ediciones Hiperión.
- <sup>7</sup> Idem. (2007). *Obras I. Poesia*. México: FCE, p. 143.
- <sup>8</sup> LACAN, J. (1998[1948]). "A agressividade em psicanálise". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 107-108.
- <sup>9</sup> Idem. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 278.
- <sup>10</sup> Idem. (1998[1964]). *Op. cit.*, p. 75.
- <sup>11</sup> REISFELD, S. (2005). *Tatuajes: una mirada psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- <sup>12</sup> MILLER, J.-A. (1998). "O osso de uma análise". In: *Agente - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Bahia*. Salvador: EBP.
- <sup>13</sup> LACAN, J. ([1974-1975]). "RSI". Seminário inédito.
- <sup>14</sup> Idem. (1991[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- <sup>15</sup> Idem. ([1974-1975]). *Op. cit.*
- <sup>16</sup> Idem. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- <sup>17</sup> Idem. (2005[1962-1963]). *Op. cit.*, pp. 277-278.
- <sup>18</sup> Idem. *Ibid*, p. 277.
- <sup>19</sup> Idem. *Ibidem*.
- <sup>20</sup> Idem. *Ibidem*.
- <sup>21</sup> Idem. *Ibid*, p. 278.
- <sup>22</sup> Idem. *Ibid*, p. 303.
- <sup>23</sup> Idem. (1998[1964]). *Op. cit.*, p. 75.
- <sup>24</sup> Idem. *Ibid*, pp. 55-65.
- <sup>25</sup> Idem. (1998[1948]). *Op. cit.*, pp. 107-108.
- <sup>26</sup> MILLER, J.-A. (1997). "Proposta sobre a mutilação". In: *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº 25. São Paulo: EBP, p. 33.